

CORPO, IDENTIDADE E GLOBALIZAÇÃO

Neyza Prochet*

A globalização¹ está em toda parte, presente nas discussões, na política, na economia. Ora solução, ora causa de nossos problemas maiores, no entanto, é irreversível. Este fenômeno vem provocando mudanças nos parâmetros da condição humana através do que os especialistas chamam de "compressão do espaço/tempo", onde as distâncias se encurtam, o tempo se acelera, idéias e notícias difundem-se numa velocidade espantosa, investimentos são transferidos de um local para outro, sempre visando uma menor resistência local e maior lucro. Os acontecimentos não ocorrem mais acolá, mas aqui. Não foi mais naquela hora, mas agora. A concorrência desleal e desenfreada provoca a perda de milhões de empregos, para uns, para outros, ganhos imensos. A promessa de uma globalização social e econômica é limitada a um pequeno grupo e deixa uma enorme maioria à sombra das vantagens e dos confortos prometidos. A maior parte da população vê-se excluída do desenvolvimento global, sofrendo, como nunca, do custo de manter os privilégios de uma minoria. Promessas de riqueza e fama instantâneas, a instigação ao consumismo, o valor de uma pessoa dado pelo que tem e pelo que aparenta, mostram uma realidade cruel que divide o mundo em dois: Os abastados e os excluídos.

Domingos Cavallo, ministro da economia da Argentina, nos anos 90, aponta essa cisão ao enunciar que *"A globalização é como um clube. Cheio de regras e exigências. Os sócios rebeldes são expulsos com frieza"*. A frase de Cavallo denuncia um outro processo que ocorre íntima e simultaneamente à globalização e que Zygmunt Bauman (1999) denomina de *localização*. Partindo do princípio de que estamos todos em movimento, é impossível que este movimento seja igual para todos, porque não estamos no mesmo lugar no estrato mundial. Livres de fronteiras e restrições espaciais alguns se tornam "globais" e o resto da população permanece limitada à sua territorialização, isto é, a sua dependência de referências locais, o que se transforma numa característica de menos valia, ampliando o abismo entre o "clube" e o "resto".

Bauman comenta:

"Ser local num mundo globalizado é sinal de privação e degradação social. Os desconfortos da existência localizada compõem-se do fato

de que, com os espaços públicos removidos para além do alcance da vida localizada, as localidades perdem a capacidade de gerar e negociar sentidos, e se tornam cada vez mais dependentes de ações que dão e interpretam sentidos, ações que ela não controlam".(p.8)

Anuncia-se uma ausência de referências próximas que possam, ao mesmo tempo, permitir a identificação com o próximo e sua discriminação deste. A diluição de sentidos é vivida de tal forma que o indivíduo passa a ter a tarefa quase impossível de autoengendra-se, de constituir-se por si mesmo e de, ao mesmo tempo, tornar-se parte de um todo que lhe recusa parâmetros visíveis e identificáveis. O cantor e compositor Cazuzza, proclama em alto e bom som precisar de uma ideologia para viver. E mais: *"Eu vou pagar a conta do analista/ Pra nunca mais ter que saber quem eu sou/ Pois aquele garoto que ia mudar o mundo/ Agora assiste a tudo em cima do muro"*.

No mundo global, os muros são demolidos ou ignorados, os limites e leis, além daqueles ligados ao mercado, são insultos e as certezas são falácias. Ambigüidade, incerteza e volatilidade são critérios permanentes. Na medida em que fronteiras e diferenças são dissolvidas, a globalização dificulta o encontro e o reconhecimento de limites que sejam reais o bastante para oferecer uma resistência sólida. Com isto, impede o reconhecimento de um outro, do diferente, do irredutível, de tudo aquilo que pode ser experimentado como real além do sujeito.

"O encontro da alteridade é uma experiência que nos coloca em teste. Dele pode nascer a tentação de reduzir a diferença à força, mas é deste encontro que é gerado o desafio da comunicação, com um empenho constante e renovado." (Buman, 1999)

O estabelecimento da identidade humana é um processo cultural e simbólico realizado a partir de diversos enraizamentos. Os membros de um grupo particular como aqueles ligados por gênero, faixa etária, estrato social, etnias, religião, possuem uma extensa rede de articulações tanto na linguagem como nas crenças partilhadas. Mas, num plano mais geral ainda, é estabelecido um outro tipo de identidade, mais ampla, que se superpõe, cobrindo, de certa forma, todas, numa pretensão universalista. Poderia chamar de uma identidade política do homem, ligada intimamente as condições sociais da época.

A globalização pode ser um exemplo nítido deste tipo de identidade, homens globalizados, pertencentes a um clube que exige uma identidade homogênea e puramente conceitual. As dimensões individuais, particulares, étnicas, religiosas ficam subordinadas, anuladas, neste ponto abstrato identificatório. Funciona maravilhosamente bem enquanto lidamos com abstrações, mas falha quando trata de seres humanos que não podem prescindir de valores, significados que ofereçam referências à sua experiência.

As fronteiras naturais, as identidades distintas de cada cultura, os valores e referências de cada grupamento humano, etnias, tudo parece mais tênue. Lado a lado, condizente com o aspecto paradoxal da natureza humana, o surgimento contínuo dos movimentos nacionalistas e de facções extremistas sugere uma resposta reativa a essa identidade política que avassala o conceito de indivíduo e até mesmo de pátria ou nação.

As restrições humanas são vistas como incômodos inoportunos, desvalorizadas diante das ampliações e possibilidades que a tecnologia oferece. Ao mesmo tempo em que as mensagens são instantâneas, internacionalizadas, internetizadas, multiplicadas em volume, são também mensagens sem mensageiro, sem destinatário certo, tão homogeneizadas que, diante da miríade de informações despejadas sobre nós, ficamos avassalados por elas, perplexos, passivos e distantes. A globalização prescinde de corpos. Habitamos o mundo, mas estamos corremos o risco de esquecer que habitamos, primeiramente, o próprio corpo.

Na Modernidade, o corpo era uma realidade fixa e natural, uma referência estável, apresentado como a morada do ser, da razão e da consciência. A relativização da presença corporal na *cyber* cultura e conseqüente perda de objetividade e estabilidade conduziram a um novo fenômeno. Mais do que o corpo anatômico funcionante da Medicina, mais do que o corpo imaginário da Psicanálise, o corpo da atualidade é, acima de tudo, um produtor de sentidos e de identidade.

A possibilidade de tornar-se uma pessoa, de ser, está diretamente relacionada à possibilidade de se estabelecer vínculos – o que exige tempo e lugar para acontecer. Um ser humano não se constitui com mães virtuais. Um bebê necessita de uma presença materna que o sustente nos primeiros contatos com o mundo. Antes que o “lado de fora” seja percebido como real, real para o bebê são as experiências “ilusórias”, a apercepção subjetiva da realidade apreendida. Só à partir das experiências concretas com as barreiras físicas e as ausências dosadas da

presença materna é que será possível a construção simultânea dos conceitos de dentro e fora e a gradual distinção subjetiva de eu e não-eu. Pela experiência, o psiquismo estabelece relações, tanto com o próprio corpo quanto com o mundo externo, cria ligações entre o vivido, o presente e uma perspectiva de futuro, gerando um sentimento de eu e a certeza de que, dentro daquele corpo existe um indivíduo. Esta certeza é oriunda da continuidade de cuidados, que sustenta as oscilações e incertezas da experiência e permite que os movimentos e flutuações, tanto da criança quanto do ambiente, sejam vividos como passagens de um processo e não como rupturas. Com isso, há o registro de uma dimensão histórica e cultural da experiência singular, sem que uma ou outra sejam desqualificadas para garantir a legitimidade do processo.

Joyce McDougall (1997) considera que o bebê, no início da vida, tem uma experiência de fusão tal com a mãe que, para ele, existe apenas um corpo e um psiquismo. "Mãe" é um ambiente total e caberá a ela apresentá-lo, gradualmente, ao fato de que ali existem duas pessoas e introduzi-lo no mundo compartilhado. Possuímos, por toda a vida, uma nostalgia de um corpo único e um registro, que remonta à vida intra-uterina, de uma "mãe-universo", uma experiência de "globalização" apaixonante, num mundo sem identidades individuais, que jamais se repetirá, nesta ordem de grandeza. No entanto, há também um ímpeto natural, uma necessidade de separação no bebê, que o impelirá na busca em diferenciar dentro de sua organização psíquica, o que é seu próprio corpo e o que é essa primeira representação de mundo externo, o corpo da mãe, pondo em marcha a tarefa, por toda a vida, de ser a si mesmo.

Realizamos, então, dentro de nós, desde o nascimento, uma dupla busca psíquica: a fusão com o corpo materno e, ao mesmo tempo, a diferenciação desta. A mãe suficientemente boa suporta essa necessidade de diferenciação e sustenta, tolera e facilita os movimentos graduais do bebê rumo à individuação e à construção de seu próprio *self*. Na luta contra o desejo de fusão, o esforço de comunicação é o resultado desse investimento realizado para superar a experiência de separação e o reconhecimento das diferenças.

Recentemente, numa sessão clínica com um menino de cinco anos, ele insiste em me perguntar que horas eram. Pergunto a ele que hora ele achava que era. Responde, ansioso, que não tinha relógio e queria ver no meu. Brinco com ele, dizendo:- Ora, faz de conta que você tem um relógio. Ele, que sabe contar, fazer somas, jogar vídeo game, expressar-se clara e corretamente, utilizando termos

complexos e adequados, tem uma dificuldade enorme em brincar e usufruir de sua vida de fantasia. Responde-me: - O que é isso? Faz de conta?

Explico e ele me diz: - Só sei ver hora em relógio de verdade.

Proponho, então, que imaginemos que exista um relógio na barriga. Com as mãos, faço um círculo em sentido horário sobre meu corpo, como os ponteiros de um relógio se movendo.

Ele me olha e diz, aflito: Sabe o que é? O meu relógio é invisível. Eu não sei ver a minha hora. Só sei ver hora de relógio. Eu preciso que você me diga a sua hora para eu saber a minha.

Uma outra menina, de seis anos, quando perguntada por que vinha à consulta disse-me: "Minha mãe diz que minha cabeça dói". Ao lhe ser perguntado o que ela poderia dizer sobre sua cabeça, responde-me que não sabe o que sente sua cabeça. Um terceiro exemplo é o adolescente obeso e descuidado - para aflição dos pais de corpos "sarados" - que, ao escrever um esquete sobre jovens, o intitula, desafiador: "Sou sim, e daí?".

Estas pequenas vinhetas ilustram o comprometimento da capacidade destas crianças em integrar-se e reconhecer-se tanto psicologicamente como corporalmente, a não ser à custa da experiência individual ou da recusa à cultura. Vemos que os fracassos neste campo não conduzem, necessariamente, apenas às afecções tipicamente psicossomáticas, mas implicam no surgimento de quadros clínicos onde o corpo se expõe como um lugar de conflito e onde a psique não encontrou morada certa.

Nízia Vilaça (1999) citando Freire Costa, aponta que os ideais coletivos de liberdade, fraternidade e igualdade estão sendo abandonados em detrimento do individualismo de uma cultura de sensações. A criança e o adolescente contemporâneos, assim, ressentem-se não só das angústias ligadas ao tempo necessário ao estabelecimento de uma identidade pessoal, como ficam privados de uma constância de referentes simbólicos nos quais possam se apoiar. Têm agora um corpo que precisa ser construído - conceito peculiar e recente que transforma o corpo pessoal em objeto público globalizado (Góes,1999), passível de tantas estratégias tecnológicas quanto possível: cosmetologia, alimentação controlada, uso de anabolizantes, práticas de toda a forma de exercícios físicos, cirurgias.

Parafrazeando Cazusa, os heróis morrem de *overdose*, paga-se a conta da lipoaspiração e do *personal trainer* para não se saber quem se é, às custas de um saber que fica nas mãos de um outro. As representações ideativas, simbólicas, são substituídas pela representação da coisa-corpo, pela força da imagem do que parece ser.

Simone Weil (2001), filósofa e ativista política francesa nas décadas de 30 e 40 do século passado, considerava que ter raízes é talvez a mais importante e a menos reconhecida necessidade da alma humana. Sem a possibilidade de um enraizamento, o indivíduo estaria exposto à aflição. O conceito de aflição é central na sua obra, discriminado da dor e do sofrimento. A dor seria apenas física, o sofrimento tanto físico quanto psíquico, mas a aflição seria a “pulverização da alma”, de tal ordem devastadora que o pensamento humano seria incapaz de reconhecer a realidade da aflição. A aflição envolve todas as esferas: física, psíquica e social e, principalmente, a luta por controle – base dos mecanismos de opressão social. O principal fator da luta por controle é uma disputa pelo poder, enraizada no medo da morte, num tipo de morte que remeteria o indivíduo à morte de sua personalidade. Winnicott (1994), psicanalista britânico que enfatiza a importância da experiência vivida, fala de uma “morte fenomenal”, uma experiência de aniquilamento que se traduz por um vazio, provocado pela descontinuidade do sentido de existência.

Para Weil, os grandes problemas sociais são sintomas de um desenraizamento profundo, uma vida roubada de sentido, provocada pelo uso da força, da necessidade de controle, do uso da ciência, da tecnologia e do poderio econômico, divorciado da vida. A possibilidade de se enfrentar essas forças poderia ser encontrada na capacidade reflexiva dos pensadores, permitindo restaurar essas raízes - direito e necessidade legítimos do homem. Para ela, o desenraizamento é a praga do século XX, onde por forças políticas deslocam-se populações de seus lugares de origem, ignoram-se seus vínculos culturais, alienam-se heranças, tratadas como uma abstração sem significado.

O adoecer surge como um desvio dessa trajetória, onde os sintomas são sinais de sofrimento dirigidos a um outro, num esforço de comunicação entre o indivíduo e o meio que o cerca.

Segundo Houaiss (2001), a raiz da palavra adoecer é latina - *adulescere*, de *ad* - acrescentar e *dolesco, is, ere* - afligir-se, magoar-se. Adoecer. Dói o ser. É curioso que as raízes sejam semelhantes em *adolescere* - *adolesc, is, ere* - desenvolver-se, crescer, brotar, fazer-se grande - uma outra condição humana em que dói o ser também.

Crescer, desenvolver-se, brotar, termos que favorecem uma analogia entre homens e árvores. Assim como uma árvore, o desenvolvimento humano é processual, que precisa de lugar e tempo para acontecer. Uma árvore torna-se uma árvore quando adquire raízes. Um homem sem raízes é alguém desterrado de si mesmo. Ele constitui seu *self* a partir do enraizamento de sua psique no corpo e de um lugar para si no mundo. A globalização não é uma questão psicológica. Gilberto Safra² enfatiza que o problema, embora tenha suas raízes no campo psicológico, é, acima de tudo, uma questão ética, pois trata da legitimação de identidades.

Ignorar a força poderosa que é a globalização é impossível. Submeter-nos a ela sem questionamento e reflexão? Puro suicídio. A chamada realidade apenas nos oferece a base e o suporte para o salto mais amplo na dimensão humana: o brincar, a experiência criativa, um lugar na cultura. Ter uma identidade e poder se comunicar, inserir-se nesta cultura, emerge dessa fonte, área ou lugar que Winnicott (1975) chamou de espaço potencial, definindo-o como, ao mesmo tempo, uma forma de união e separação entre o homem e o mundo que o cerca. Isto implica em conservar um sentido de Ser e, ao mesmo tempo, estabelecer para este Ser um lugar próprio.

Como Safra lembrou, na comunicação apresentada no Encontro do laboratório Ser e fazer - São Paulo, em maio de 2003, trata-se de uma tarefa ética - de cada homem e de seus representantes sociais - buscar uma organização de mundo que permita a um indivíduo morar, espacial e temporalmente, dentro de sua organização corporal. Apenas dessa forma lhe será possível ser e estar consigo, e com o outro, no mundo.

NOTA

¹ O início simbólico da globalização pode ser colocado em 25/12/91 quando oficialmente foi considerado extinto o capitalismo de estado, representado pela União Soviética.

BIBLIOGRAFIA

BAUMAN, Zygmunt. *Globalização: as conseqüências humanas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

MC DOUGALL, Joyce. *As múltiplas faces de eros*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

VILAÇA, Nízia. *Em pauta: corpo, globalização e novas tecnologias*. Rio de Janeiro: Mauad –CNPq, 1999.

WEIL, Simone. *O enraizamento*. Bauru/SP: Edusc, 2001.

WINNICOTT, Donald. "O medo do colapso". In, *Explorações psicanalíticas*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

_____. "A localização da experiência cultural". In, *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

DISCOGRAFIA

CAZUZA e FREJAT, Roberto. *Ideologia (Álbum)*. Polygram. 1988.

RESUMO: No mundo globalizado, com um cada vez maior encolhimento do binômio espaço/tempo, a velocidade das mudanças tecnológicas, políticas, econômicas, sociais etc. criam dois tipos de pessoas: as que são "globais", livres de fronteiras e as que são excluídas, permanecendo limitados à sua territorialização.

PALAVRAS-CHAVE: globalização, corpo, identidade, ética.

* Psicanalista. Doutora em Psicologia Clínica pela Universidade de São Paulo. Membro Efetivo do Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro.

Endereço eletrônico: nepr@uol.com.br